



João Gabriel Silva discursou no Dia da FMUC

Reitor da UC critica estrutura intermédia do Estado

●●● A intervenção do reitor da Universidade de Coimbra (UC) no dia da Faculdade de Medicina foi quase em exclusivo sobre os recentes incêndios. Ausente de Portugal nos últimos dias, o responsável confessa que viveu a situação de forma mais intensa.

No final da sessão solene, o reitor adiantou ao DIÁRIO AS BEIRAS que “a questão dos incêndios não se resolve com paliativos”. “Há algo de profundo que é preciso alterar no nosso entendimento da utilização do território, das causas e as causas não é só limpar o mato”. Segundo João Gabriel Silva, “a maior parte das pessoas, quando fala em causas, diz que temos de manter a floresta limpa, mas isso é uma ilusão. O que está na lei é impraticável, porque o custo de limpar as matas da maneira que a lei determina todos os anos é tão gigantesco que jamais acontecerá. Portanto, é uma má lei, porque é impraticável e nunca será concretizada”.

Para o responsável, “este exemplo do que aconteceu é claro daquilo que precisa ser feito e deve ser feito, isso sim é viável”. Por exemplo, defende, “devia ter havido uma campanha massiva para explicar às pessoas que não era altura de fazer fogueiras, nem de lançar foguetes. Mas, seguramente, devia haver também uma ação pedagógica, continuada”. Uma campanha como já houve no passado “e que depois parou por completo”. “Não só de explicar que só depois da chuva e não antes dela – particularmente com condições atmosféricas como esta – é que se pode sequer riscar um fósforo, mas também uma ação repressiva”, sublinha.

João Gabriel Silva não sabe se este foi este o pro-

blema maior dos recentes acontecimentos, “mas que foi um problema grande não tenho dúvidas. Porque corresponde àquilo que se apanha como evidência pontual e que corresponde tanto aos hábitos enraizados”. Em outubro, lembra, “em condições climáticas normais, seria uma altura correta para fazer a queimada. Agora, com as alterações climáticas a que estamos a assistir, com o estado de secura profunda da floresta, com os ventos e temperaturas que tínhamos, era exatamente a altura errada”.

Nomeações

O reitor lembra que está tudo a mudar. “A sociedade é cada vez mais acelerada e o clima já não é como era. É uma apreciação comum, mas corrente e correta”, acrescenta, lembrando que tal “exige muito mais competência das pessoas que tratam disto, muito mais conhecimento. Não pode ser por ser conhecido de alguém, tem de ser porque conhece a matéria”.

O responsável da UC deixa perceber críticas à forma como são nomeados alguns responsáveis no Estado. “A estrutura intermédia da administração pública de todas as estruturas do Estado é em regra, infelizmente, preenchida com pessoas que lá chegam não por serem competentes, mas porque são obedientes e porque pertencem ao clube certo e têm a cor adequada”. Ora, continua, “com isso, o país jamais progredirá. Ou é o mérito que de facto conta, o conhecimento que têm, a capacidade de intervir, porque sabem do que estão a falar, ou vamos ter isto repetido até o Saara ocupar a área atualmente ocupada por Portugal”.

J.A.T.